

Apenas 56% dos jovens diagnosticados com HIV iniciam o tratamento

Depois do aumento de caso de Aids em idosos, os jovens voltaram a ser a preocupação quando o assunto é HIV. A falta do uso da camisinha é apontado por especialistas como fator determinante para o aumento da circulação do vírus. Além disso, os jovens são os que menos aderem ao tratamento e que possuem maior proporção de carga viral no sangue.

[\(UOL, 01/12/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Os dados do Ministério da Saúde indicam que, em 2016, aproximadamente 830 mil pessoas viviam com o vírus no Brasil. Dessas, 694 mil (84%) foram diagnosticadas, 655 mil (79%) estão vinculadas a algum serviço de saúde e 563 mil (68%) seguem o tratamento.

Os jovens apresentam os piores resultados: apenas 56% dos diagnosticados de 18 a 24 anos iniciaram tratamento com terapia antirretroviral. Destes, menos da metade apresenta supressão viral. Entre todos em tratamento há pelo menos seis meses, 91% atingiram supressão viral -quanto menor a carga viral, menor a possibilidade de transmissão do vírus.

Camisinha é coisa do passado?

De cada 10 jovens entre 15 e 25 anos, seis não usaram preservativo durante o sexo no ano passado, aponta outra pesquisa do Ministério.

“As pessoas estão simplesmente usando menos preservativo. Principalmente, as mais jovens. Elas se expõem muito mais às DSTs e nem estão se dando conta disso. Tanto é que o número de casos entre quem é mais velho permanece estável e até diminui um pouco, mas nos jovens ele dispara”, relatou o médico Sergio Podgaec, ginecologista e obstetra do Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

E não estamos falando só de Aids. Os números de infectados com sífilis também são assustadores. Já a gonorreia e a clamídia também estão atingindo mais pessoas, embora não seja possível precisar quantas porque elas não possuem notificação obrigatória pelo Ministério da Saúde.

Para a médica Ruth Khalili, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), vários motivos estão levando ao aumento das DSTs no Brasil. Segundo ela, há, hoje, uma maior liberdade sexual que facilita a rotatividade nas parcerias sexuais.

Além disso, a desinformação é grande. Para Khalili, nunca houve um trabalho de conscientização de forma organizada, abrangente e continuada. A isso, soma-se o fato de que o medo da população em relação ao HIV parece ser menor do que nas décadas anteriores.

“Eu estava na faculdade em 1988 quando apareceram os primeiros casos de HIV. E virou o terror. As pessoas tinham um medo absoluto de se contaminar com o HIV. Foi feita uma campanha intensa do uso de preservativo por conta do HIV. E obviamente que as outras doenças foram afetadas”, disse. “Como os tratamentos para o HIV foram melhorando ao longo dos anos, esse medo foi diminuindo”, completa.

O VivaBem montou um guia com as principais doenças sexualmente transmissíveis para te ajudar a entender e se proteger. Veja abaixo:

- [HIV](#)
- [Sífilis](#)
- [Gonorreia](#)
- [Herpes Genital](#)
- [Clamídia](#)
- [HPV](#)
- [Hepatites](#)

Thiago Varella

Suicídio de jovens mulheres avança em São Paulo

(Folha de S. Paulo, 23/02/2016) A curta história de Ariele Vidal Farias integra um fenômeno crescente na cidade de São Paulo: os casos de suicídio de jovens mulheres, com idade entre 15 e 34 anos.

Mais velha de três irmãos, Ariele vivia com a mãe —os pais, separados, mas de convivência amistosa, contam que nunca notaram sinais de depressão na primogênita.

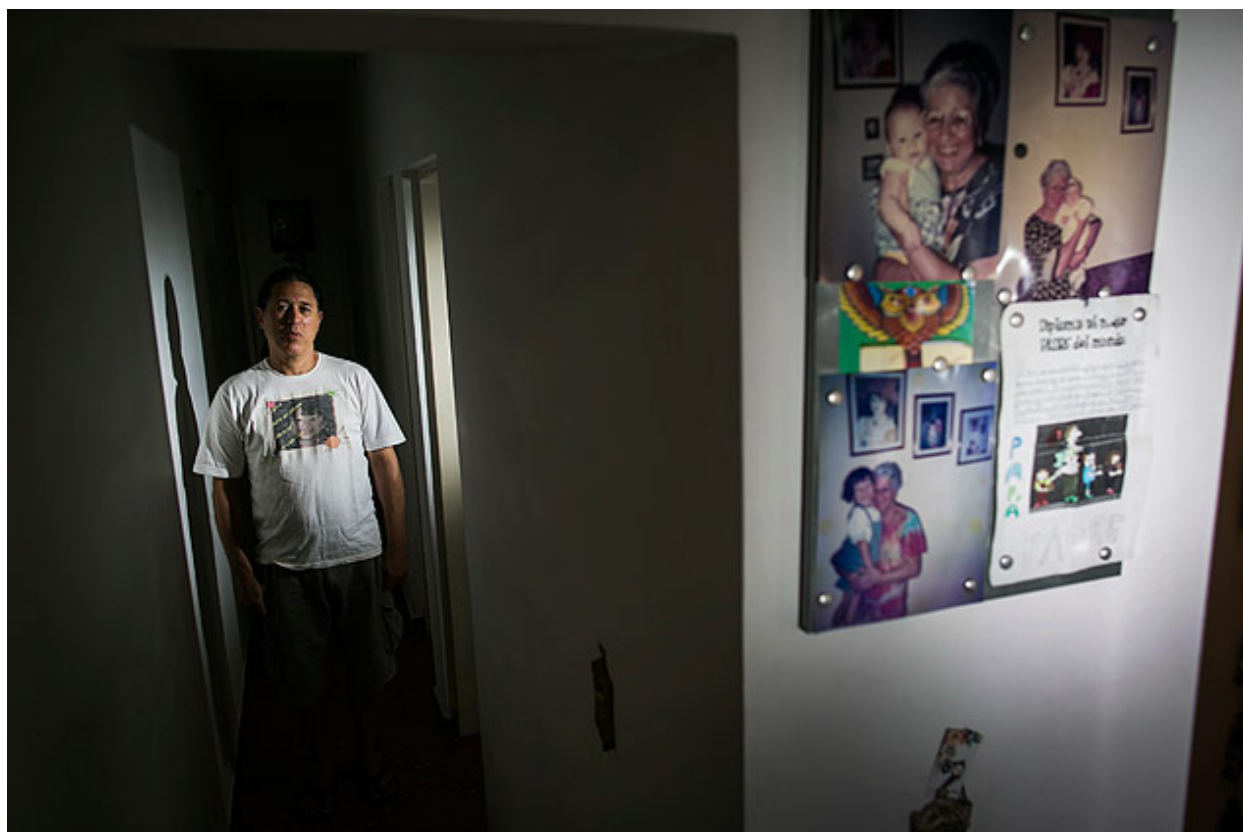
Em março de 2014, ao voltar para casa à tarde, após a escola, a irmã mais nova encontrou Ariele enforcada. Ela tinha 18 anos.

A família descobriria depois que a ex-escoteira treinara os nós a partir de um livro, deixado fora do lugar, e até uma boneca foi encontrada nos seus pertences com um laço no pescoço.

Na carta de despedida, escreveu: “Gente morta não decepciona ninguém”.

O número de suicídios de mulheres de 15 a 34 anos na capital, que representava 20% do total nessa faixa em 2010, pulou para 25% quatro anos depois.

De acordo com o “Mapa da Violência — Os Jovens do Brasil”, estudo elaborado pela Flacso (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), a taxa de suicídio dos jovens em São Paulo aumentou 42% entre 2002 e 2012.



Oficial de Justiça Ivo Oliveira Farias, pai de Ariele; ela se matou em 2014, aos 18 anos, enforcada (Foto: Bruno Santos/Folhapress)

“Tenho duas conjecturas para a decisão dela. Uma possível crise pela descoberta da homossexualidade, ela tinha contado para uma tia que gostava de uma menina, e o fato de ser muito exigente consigo mesma”, responde o pai de Ariele, o oficial de justiça Ivo Oliveira Farias, 58.

A filha se preparava para seguir sua carreira. Dias depois do enterro, a família receberia a notícia de que ela fora aprovada em direito.

Psiquiatras entrevistados pela Folha citam o agravamento de doenças psíquicas como o principal fator para explicar o aumento de casos entre jovens mulheres. Contribuem também aspectos como maior competitividade e pressão —profissional e familiar—, bullying, dificuldade para lidar com decepções e o consumo de álcool e drogas.

Em grandes cidades, outro fator citado por psiquiatras e psicólogos é o isolamento.

“Há uma mudança de comportamento nas mulheres, as mais jovens mostram

dificuldade para enfrentar adversidades, pessoais e profissionais”, afirma a psiquiatra Alexandrina Meleiro, coordenadora de prevenção e suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria.

O aumento segue tendência mundial, elevando a prática para a segunda causa de morte entre jovens mulheres —entre os homens, o suicídio está na quarta posição.

Considerado tabu, o tema tem alta subnotificação, que especialistas estimam em cerca de 30%. Na certidão de óbito de Ariele, consta como a causa da morte enforcamento, não suicídio.

ELAS E ELES

Os suicídios costumam ocorrer com mais frequência, segundo estatísticas, na parte da tarde, com os atos realizados geralmente em casa.

Apesar de as práticas violentas estarem mais associadas aos homens, especialistas alertam para o crescimento de suicídios violentos entre as mulheres, com um expressivo número de casos de moças que se jogaram de prédios, por exemplo.

O enforcamento, contudo, ainda é o principal meio para se tirar a vida, seja entre homens ou mulheres. Ainda assim, são eles quem se matam mais —a exceção mundial é a China.

“Geralmente, a média é de a cada três suicídios de homem, ocorre um de mulher. Entre os jovens, estamos observando que a taxa diminuiu, de três para dois ou mesmo de dois para um”, acrescenta Alexandrina Meleiro.

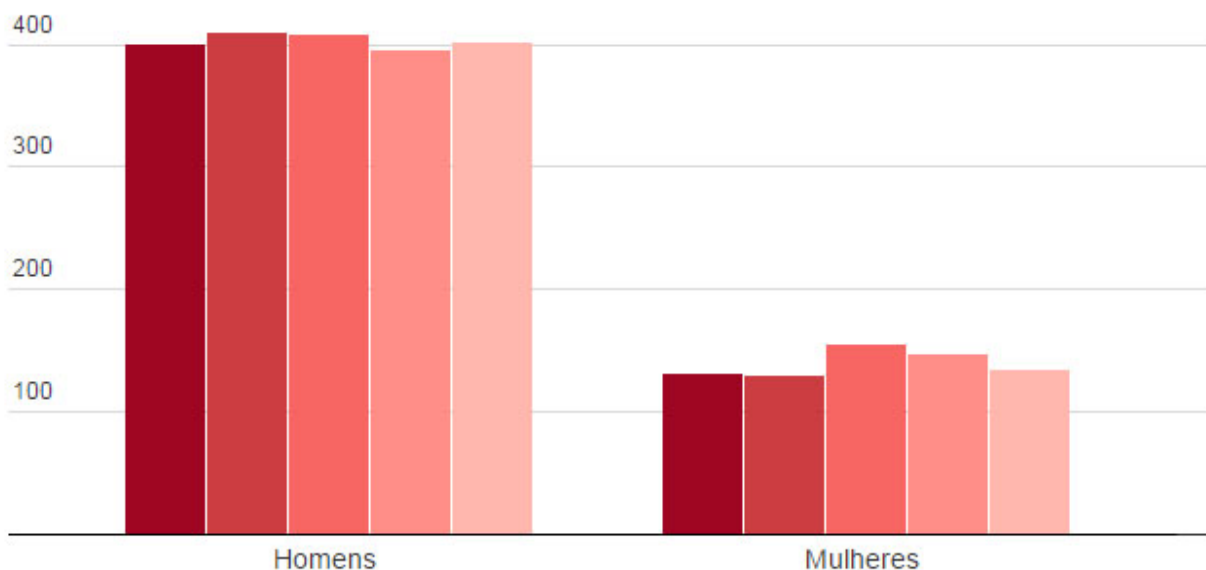
Para os familiares, o mais difícil é lidar com o luto. Não raro, pais, filhos e viúvas desenvolvem elas também a vontade de se suicidar.

“O luto não termina”, conta Ivo. “Parece que não estávamos à altura para lidar com o sofrimento dela. É algo que te tira a sensibilidade para todas as demais tragédias.”

Ivo era dançarino de salão, mas não bailou mais desde a morte de Ariele. “Não consigo dançar. Nem os meus amigos conseguem entender”.

CASOS DE SUICÍDIO NA CIDADE

■ 2010' ■ 2011' ■ 2012' ■ 2013' ■ 2014'



Fonte: Secretaria de Saúde da Prefeitura de São Paulo, Ministério da Saúde, Mapa da Violência —Os Jovens do Brasil, Centro de Valorização da Vida e psicóloga Karen Scavacini

Confira mais infográficos da [Folha](#)

GRUPOS DE AJUDA

Aos poucos, as histórias começam a ser contadas pelos oito participantes de uma reunião mensal realizada na pequena sala de uma casa no bairro da Bela Vista, na região central de São Paulo.

Apenas dois dos presentes se conhecem de encontros anteriores. Os demais visitam o local pela primeira vez.

Um rapaz de 34 anos relata o suicídio do namorado, que tinha se jogado de um prédio havia 50 dias.

À sua direita, o jovem que o acompanhava, amigo do casal, também tinha um caso de suicídio no círculo familiar: a irmã mais nova se enforcara em casa, há cinco anos.

Um jovem de 19 anos conta que começou a pensar em se matar após a namorada pôr fim à relação entre eles.

Para a garota de 18 anos ao seu lado, a vontade se manifestou pela primeira vez, disse, aos 10. “Ninguém nunca percebeu a minha depressão”, contou.

A jovem disse que, depois de tentar se matar, no ano passado, o pai, separado da mãe, deixou de falar com ela e se afastou, suspendendo os pagamentos da faculdade e a mesada.

Conduzido por voluntários do CVV (Centro de Valorização da Vida), que atua na prevenção do suicídio, o encontro tem função terapêutica para os participantes.

Segundo Tino Peres, um dos voluntários, o objetivo é promover a troca de experiências entre os sobreviventes, como são chamados familiares de suicidas e quem sobreviveu à tentativa de se matar.

A reportagem da Folha acompanhou a reunião no início deste mês, que contou ainda com a participação do oficial de justiça Ivo Oliveira Farias e de outras três pessoas —uma mulher, cujo pai se matou há 17 anos, e mãe e filha, esta última, segundo contou, sobrevivente de duas tentativas de suicídio.

“Relatos de jovens que tentam se matar desde os dez anos são mais frequentes do que se imagina”, afirma a psicóloga Karen Scavacini, do Instituto Vita Alere, que também organiza encontros entre sobreviventes. “Os grupos têm uma função essencial, eles criam um fator de pertencimento forte. Falar sobre o suicídio é muito importante para preveni-lo”.

Em relação às tentativas de suicídio, elas chegam a ser 20 vezes maiores do que os óbitos consumados.

No ano passado, uma das jovens que tentou se matar em São Paulo foi uma adolescente de 15 anos (seu nome é preservado a pedido). Após cortar o pulso seis vezes, ela passou a ter acompanhamento médico e psicológico, e então a situação ficou sob controle.

Um dos motivos, segundo o pai, foi a dúvida sobre a sua sexualidade, sem saber se gostava de meninos ou meninas. “Acho que, se quisesse, ela teria se matado. Mas e se numa tentativa dessas ela erra a mão e passa do ponto?”, pergunta.

Das 2.240 pessoas que, pelas estatísticas, tentaram suicídio em São Paulo em

2014, 34 morreram antes do atendimento médico ou durante ele.

MONITORAMENTO

Fenômeno que ocorre cada vez mais entre os jovens, homens ou mulheres, o suicídio deve ser abordado sem estigmas, afirmam especialistas.

Os tratamentos psiquiátricos e psicológicos são recomendados para os sobreviventes, estejam eles participando ou não de grupos como os do [CVV \(Centro de Valorização da Vida\)](#).

Na rede pública de saúde de São Paulo, a Covisa (Coordenação de Vigilância em Saúde) monitora casos de potenciais suicidas.

Se alguma pessoa for internada duas vezes seguidas por intoxicação, por exemplo, o órgão pode encaminhá-la para acompanhamento.

Lucas Ferraz

Acesse o PDF: [Suicídio de jovens mulheres avança em São Paulo \(Folha de S. Paulo, 23/02/2016\)](#)

Pesquisa mostra que homofobia é o preconceito mais comum entre os jovens estudantes brasileiros

(O Globo, 11/11/2015) Qual pessoa você não gostaria de ter como colega de classe? Esta pergunta foi feita a 8.283 alunos entre 15 e 29 anos do ensino médio regular, da educação de jovens e adultos (antigos supletivos) e do programa Projovem urbano, ouvidos na pesquisa “Juventudes Na Escola,

Sentidos e Buscas: Por Que Frequentam?”. O estudo gerou um livro, que foi recém-lançado pelo Ministério da Educação, Organização dos Estados Interamericanos e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, e que aborda por diversos ângulos os motivos que fazem jovens permanecerem ou abandonarem a escola.

Entre as razões que os próprios estudantes citam como mais importantes para continuar estudando estão a relação com os amigos e a qualidade das aulas. Ou seja, sentir-se acolhido e pertencente a um grupo é, na opinião dos jovens, tão importante para a permanência na escola quanto o aprendizado de disciplinas tradicionais. Daí a importância de também investigar _ como fizeram os pesquisadores Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro e Julio Jacobo Waiselfisz_ como se dão as relações sociais na escola, não apenas entre adultos e jovens, mas também entre alunos.

Os dois perfis de alunos mais citados entre aqueles “indesejados” como colegas de classe são os vistos como “bagunceiros” ou “puxa-saco” de professores. Essas duas respostas dizem mais respeito a comportamentos percebidos no cotidiano escolar do que a orientações ou características pessoais. O caso dos bagunceiros, citados por 41% dos estudantes, remete a um problema que já sabemos ser grave no Brasil: a indisciplina em sala de aula. A questão aparece com frequência em respostas de professores, mas também tem surgido cada vez mais em estudos como um grave incômodo relatado pelos próprios alunos. A citação aos “puxa-sacos” (28% das respostas) talvez revele em parte uma rejeição a um perfil de estudante mais dedicado aos estudos.

Do ponto de vista do preconceito, as respostas ficam mais preocupantes quando tratam de características pessoais ou orientações sexuais. Para 19% dos alunos pesquisados, o tipo de estudante que eles mais rejeitam como colegas de classe são os travestis, homossexuais, transexuais e transgêneros. Outras formas de preconceito também apareceram. É revoltante imaginar que ainda exista no Brasil jovens capazes de admitir que não gostam de estudar com um colega apenas por ele ser negro ou ter algum tipo de deficiência. Mas esses percentuais declarados foram bem menores (0,3% e 0,6%, respectivamente) em comparação aos casos de homofobia.

Como o formato da pergunta levava o jovem a escolher apenas um tipo de perfil indesejado de colega em sala de aula, o percentual de rejeição a cada um desses grupos é certamente maior, pois um estudante que relatou se incomodar mais com os bagunceiros pode, também, ter algum preconceito contra homossexuais ou travestis, por exemplo.

A pesquisa permite também identificar o que já era conhecido por outros estudos que analisaram a mesma questão: a homofobia parte muito mais dos homens do que das mulheres. Entre eles, quase um terço (31%) dos jovens estudantes pesquisados disseram que o principal perfil de colega indesejado era um homossexual, travesti, transgênero ou transexual. Entre elas, o percentual é bem menor: 8%.

No início do ano, pressionados principalmente por grupos religiosos, vereadores e deputados de diferentes estados rejeitaram a inclusão, nos planos municipais e estaduais de educação, de metas de combate à discriminação de orientação sexual ou identidade de gênero. Os dados dessa mais recente pesquisa evidenciam mais uma vez o equívoco de ignorar essas questões no ambiente escolar. Se a escola é também um espaço de aprendizado do respeito à diversidade, o tema não pode ser varrido para debaixo do tapete. O preço da intolerância é pago não apenas por aqueles que sofrem diretamente suas consequências, caso dos alunos que evadem por essa razão, mas por todos nós.

TABELA 3.4.2 - Indicação das pessoas que não se queria ter como colega de classe, segundo modalidade de ensino e sexo dos alunos (%)

Pessoa que não se queria ter como colega de classe	Fem.	Masc.	Total
Bagunceiros	48,6%	33,0%	41,4%
"Puxa-saco" dos professores	31,7%	24,3%	27,9%
Travestis	3,3%	11,2%	7,1%
Egressos de Unidades Prisionais	6,7%	4,4%	5,6%
Homossexuais	2,0%	8,8%	5,3%
Transexuais	1,8%	7,2%	4,4%
"Nerds"	2,8%	4,2%	3,5%
Transgêneros	1,0%	4,1%	2,5%
Pessoas de outros estados ou região	0,9%	0,8%	0,9%
Pobres	0,5%	1,0%	0,7%
Pessoas com deficiência	0,7%	0,5%	0,6%
Negros	0,2%	0,4%	0,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Abramovay, Waiselfisz e Castro, Pesquisa Jovens de 15 a 29 anos - FLACSO e MEC, 2013.

Intolerancia na escola | Fonte: Abramovay, Waiselfisz e Castro, Pesquisa Jovens de 15 a 29 anos - FLACSO e MEC, 2013

Antônio Gois

Acesse o PDF: [Pesquisa mostra que homofobia é o preconceito mais comum entre os jovens estudantes brasileiros \(O Globo, 11/11/2015\)](#)

Rejeição a homossexuais, aborto e maconha cai, segundo pesquisa

(Folha de S. Paulo, 08/07/2015) O mesmo jovem que valoriza o trabalho e a família também tem atitudes conservadoras quando se trata de costumes e questões morais, ainda que a rejeição a alguns comportamentos tenha caído desde 2007, quando o tema foi alvo de pesquisa anterior do Datafolha.

Ter comportamento homossexual era, há oito anos, moralmente inaceitável para quase metade dos brasileiros de 16 a 24 anos. Hoje, 30% ainda veem o comportamento dessa forma, enquanto 36% o acham aceitável.

A rejeição aos gays é menor entre os jovens do que entre os brasileiros de mais de 25 anos, grupo em que quase metade (45%) diz que não aceita o comportamento.

A rejeição ao aborto também caiu, ainda que continue em níveis altos: 79% o acham inaceitável, um pouco abaixo dos 85% de 2007.

Por fim, 67% afirmam que é moralmente errado fumar maconha - também abaixo dos 73% de oito anos atrás.

Surpreendentemente, a geração está dividida em relação à pornografia, tão fácil de acessar na internet.

Metade (51%) dos brasileiros de 16 a 24 anos acha moralmente inaceitável ver vídeos pornográficos, enquanto a outra metade se divide entre os que acham aceitável, os que acham que não é uma questão moral e os que acham que depende da situação.

Baixar músicas ou vídeos na internet não é problema para esse público -nos dois casos, mais da metade acha moralmente aceitável.

Alguns jovens brasileiros adotam atitudes tradicionais para si mesmos, mas mostram tolerância com as escolhas dos outros.

A estudante Thais Costa, 21, optou por fazer sexo apenas depois do casamento. Ela diz que isso não foi imposição da família nem da religião. “Posso garantir que o ‘sacrifício’ vale a pena”, diz.

A jovem não gosta de ser chamada de careta. “Da mesma forma que não é legal nomear uma mulher de ‘vagabunda’ ou um homem de ‘galinha’, também não é legal condenar uma escolha que seja o oposto disso”, afirma Thaís.

Paula Leite e Mateus Luiz de Souza

Acesse o PDF: [Rejeição a homossexuais, aborto e maconha cai, segundo pesquisa \(Folha de S. Paulo, 08/07/2015\)](#)

Pesquisa divide opinião dos jovens sobre o aborto

(O Tempo, 23/02/2015) Núcleo Brasileiro de Estágios (Nube) promoveu uma pesquisa para descobrir como pensam as novas gerações a respeito do procedimento

O aborto é sempre um assunto bastante polêmico. Pensando nisso, Núcleo Brasileiro de Estágios (Nube) realizou uma pesquisa perguntando aos jovens: “Você é a favor do aborto?”, a fim de contribuir para o esclarecimento desse tema tão delicado.

Sendo a prática proibida desde quando o Brasil ainda era uma colônia, sua criminalização é questionada por diversos grupos, justamente pelo grande aumento da procura por clínicas clandestinas ou por métodos caseiros.

Mais de uma a cada cinco mulheres, antes de completar 40 anos, já interrompeu a gravidez, segundo dados da Universidade de Brasília (UnB). Para destrinchar essa realidade, o Nube obteve, de 26 de janeiro a 6 de fevereiro, o posicionamento de 17.217 jovens com faixa etária entre 15 e 26 anos. A maioria foi contrária, somando 32,51% dos votos, equivalente a 5.723 participantes, com a seguinte opinião: “Não, são duas vidas em jogo”.

Rafaela Gonçalves, analista de treinamento do Nube, comenta essa predominância. “Por não existir o suporte adequado aos pacientes, ocasionando sequelas ou mesmo a morte tanto às mães quanto aos bebês, a repulsa por esse ato é notória”, justifica.

Em segundo lugar, 27,76% (4.886 entrevistados) alegam dúvida. “Depende,

se oferecer risco para a mulher, sim”. “Nessas situações, o ato estará salvando uma vida e é inclusive reconhecido por lei, dentro das condições permitidas. Em casos de gestações resultantes de estupro ou se o feto for anencefálico, o governo também fornece gratuitamente esse procedimento pelo SUS – Sistema Único de Saúde”, ressalta a especialista. Ainda assim, 24,26% acreditam ser um crime para o bebê (4.271 pessoas).

Por fim, 15,47% (correspondente a 2.723 dos perguntados), são a favor da prática. “Sim, a interrupção da gravidez cabe somente à mulher”. Essa estatística vai de acordo com um levantamento realizado com mais de 50 mil grávidas, feito em 2014 e publicado pela revista americana “Obstetrics & Gynecology”, no qual se constatou: se feito de forma correta, atendendo às medidas de segurança e dentro das normas de saúde, o método pode apresentar poucos riscos à saúde da mulher.

Desse total, apenas 0,2% de incidências graves foram identificadas. Em contrapartida, 90% dos casos ocorridos em locais sob condições precárias de equipamentos e higiene resultam em tragédias, conforme pesquisa da Unifesp.

“Estamos em um momento de extrema mudança de comportamento. Os jovens pensam diferente, fazem suas próprias escolhas e essa resposta reforça o raciocínio. Ainda assim, não é algo para se fazer a todo momento e circunstância, mesmo em uma condição legal. O cuidado com o ato sexual vem em primeiro lugar. Tirar um filho não conserta os erros de uma relação, a mudança está na atitude: há métodos contraceptivos muito mais apropriados”, orienta a analista Rafaela.

Acesse no site de origem: [Pesquisa divide opinião dos jovens sobre o aborto \(O Tempo, 23/02/2015\)](#)

Peça publicitária do MJ é acusada de estimular violência contra a mulher

(El País, 05/02/2015) Na mesma semana em que a presidenta Dilma Rousseff inaugurou a primeira Casa da Mulher Brasileira, local que reúne assistência jurídica e médica e acolhimento para mulheres vítimas de violência, o Ministério da Justiça mostra que políticas voltadas para o gênero no Brasil ainda têm um longo caminho a percorrer.

Leia mais:

[Após polêmica, Ministério da Justiça apaga peça publicitária \(Correio Braziliense, 05/02/2015\)](#)

[Ministério da Justiça retira da internet propaganda criticada por intenautas \(EBC, 05/02/2015\)](#)

Uma peça publicitária divulgada no Facebook do Ministério da Justiça virou alvo de centenas de críticas por estimular a violência contra a mulher. Com os dizeres: “Bebeu demais e esqueceu o que fez? Seus amigos vão te lembrar por muito tempo”, a foto mostrava duas meninas ao fundo rindo de uma terceira, que segura um celular e faz cara de desentendida. Durou menos de um dia inteiro no ar.

E é fácil entender por quê. Em uma sociedade que volta e meia coloca a responsabilidade do abuso sexual na própria vítima, uma publicidade desse tipo endossa os argumentos de que “a culpa é da mulher”, ou que ela “pediu para ser estuprada”, como muitos chegam a argumentar.



Peça publicitária da campanha #BebeuPerdeu do Ministério da Justiça (Foto: Reprodução)

Após a enxurrada de críticas, o Ministério da Justiça tirou a peça do ar e se desculpou publicamente, via Facebook: “A campanha #BebeuPerdeu é muito mais do que isso. Nós nos equivocamos com a peça. Ela tem o objetivo de conscientizar jovens até 24 anos sobre os malefícios do álcool. Atuamos em políticas públicas em conjunto com a Secretaria de Políticas para a Mulher (SPM) contra a violência doméstica, o feminicídio e outras formas de violência contra a mulher. Pedimos desculpas pelo mal entendido e ao mesmo tempo contamos com a colaboração de todos na campanha. Abraços”.

O estrago já havia sido feito, e as internautas reagiram. “É [uma peça] misógina e naturaliza a cultura do estupro, deixa a entender que alguém que bebe - neste caso mulheres - seria responsável por qualquer coisa que lhe ocorresse e ainda ridiculariza a vítima, deixando claro que além de culpada também deve ser satirizada por isso”, escreveu uma leitora no Facebook. “Conscientizar é conscientizar e não estimular violência. Ministério da Justiça, vocês sabem quantas mulheres são vítimas de abuso por ano no

Brasil? Ou melhor, vocês sabem quantas pessoas abusam de mulheres porque elas beberam? Cadê a responsabilidade e a noção nessa campanha?”, disse outra.

A foto polêmica fazia parte de uma campanha, iniciada no carnaval do ano passado, que visa conscientizar jovens e adolescentes sobre o consumo de bebidas alcoólicas. A ação foi criada pela agência SLA, a pedido do Ministério da Justiça. Ao Portal Imprensa, Marcone Gonçalves, diretor de comunicação do Ministério, disse que a responsabilidade pela peça ter ido ao ar foi do órgão e não da agência.

A bola fora faz o o Ministério da Justiça entrar no carnaval pela quarta-feira de cinzas. Com uma propaganda que, sem dúvida será “lembrada por muito tempo”.

Marina Rossi

Acesse no site de origem: [A ressaca publicitária do Ministério da Justiça brasileiro \(El País, 05/02/2015\)](#)

Governo vai utilizar redes sociais para alertar jovens sobre Aids

(Portal Brasil, 07/12/2014) A estratégia do Ministério da Saúde para reverter a tendência de aumento dos casos de Aids entre jovens do sexo masculino será a intensificação das campanhas de prevenção da doença nas redes sociais e em aplicativos de encontros para celulares.

A informação foi dada nesse sábado (6) pelo secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, Jarbas Barbosa, que participou, no Rio de Janeiro, juntamente com o ministro Arthur Chioro, do Dia D de mobilização contra a dengue e a febre chikungunya.

“Temos que agir de forma contundente, principalmente junto à população de jovens de 15 a 24 anos, do sexo masculino, particularmente os jovens gays, porque entre eles a velocidade de transmissão do HIV [vírus da imunodeficiência humana] é muito maior do que entre a população em geral”, disse o secretário.

“São muitas as explicações para esse aumento, mas independente das causas, a realidade é que tivemos um aumento de 68% nos casos entre meninos de 15 a 24 anos, enquanto que entre as meninas a redução foi de 12%, no período de uma década”, destacou Jarbas Barbosa.

De acordo com dados divulgados pelo ministério, por ocasião do Dia Mundial de Combate à Aids (1º de dezembro), entre os jovens dessa faixa de idade a incidência tem aumentado, passando de 9,6 casos por 100 mil habitantes, em 2004, para 12,7 casos por 100 mil habitantes em 2013. Ao todo, 4.414 novos jovens foram detectados com o vírus em 2013, enquanto em 2004 eram 3.453.

Para o secretário, além de alertar os jovens gays para a prática do sexo seguro, com o uso do preservativo, é fundamental ressaltar a importância do teste do HIV, para que o portador assintomático comece a tomar a medicação gratuita, fornecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

“O tratamento precoce também serve como prevenção, fazendo com que a gente tenha cada vez menos [casos] de pessoas que não sabem que são portadoras do vírus da aids, e que, por isso, estão transmitindo para outras pessoas”, disse.

Segundo Jarbas Barbosa, atualmente 60 organizações não governamentais, parceiras do ministério, fazem mais de mil testes rápidos de HIV por mês nas populações mais vulneráveis, na porta de bares e boates gays e nas calçadas onde atuam os profissionais do sexo, sejam travestis, homens ou mulheres. Ao longo do ano, tanto os testes como a campanha nas redes sociais serão intensificados por ocasião de festas populares, como o carnaval.

Acesse no site de origem: [Governo vai utilizar redes sociais para alertar jovens sobre Aids \(Portal Brasil, 07/12/2014\)](#)

Tendência é de aumento do número de infecções pelo HIV

(Jornal do Comércio, 01/12/2014) No final da década de 1970, mais especificamente entre os anos de 1977 e 1978, dezenas de pessoas começaram a morrer em razão de uma síndrome que causava uma grave deficiência no sistema imunológico. As vítimas eram, principalmente, homens homossexuais. Os primeiros casos foram registrados nos Estados Unidos, no Haiti e em países da África Central.

Leia mais:

[*Dia do combate à Aids: 30 anos depois, preconceito ainda é maior aliado do vírus HIV \(O Globo, 01/12/2014\)*](#)

[*Aids: 'Estamos muito, muito longe da meta', diz especialista de Médicos Sem Fronteiras \(O Globo, 01/12/2014\)*](#)

[*Projeto busca conectar estratégias contra HIV/Aids e violência de gênero \(Sul 21, 30/11/2014\)*](#)

O que causava os óbitos era um mistério. Nenhuma doença, vírus ou bactéria já conhecido pela ciência era o responsável. Em meio ao clima de dúvidas, pairava o medo. Como se prevenir de uma doença que não se sabe como se contrai?

A nuvem de incertezas começou a se dissipar em maio de 1983, quando o cientista francês Luc Montaigner, do Instituto Pasteur, de Paris, conseguiu isolar o vírus causador do misterioso mal. Sua conquista, porém, passou quase que despercebida no meio científico. Em abril do ano seguinte, o norte-americano Robert Gallo, do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos, anunciou a identificação do vírus.

Os dois protagonizaram uma ferrenha disputa pela paternidade do feito, na medida em que o norte-americano utilizou amostras enviadas pelo francês,

que não tinha condições técnicas em seu laboratório para avançar na pesquisa. O imbróglio só foi resolvido em 1994, quando as autoridades sanitárias dos EUA reconheceram que Montaigner e sua equipe foram os responsáveis pela descoberta. A proeza rendeu um Nobel de Medicina ao francês, em 2008. Entretanto, foi a partir do anúncio de Gallo, em 1984, que a Aids passou a ser conhecida mundialmente.

Passados mais de 30 anos do anúncio oficial de descoberta do vírus, a doença ainda não tem cura comprovada cientificamente, ainda infecta um grande número de pessoas no mundo (2,1 milhões de novas infecções em 2013), e ainda mata muito (1,5 milhão de óbitos em decorrência de doenças causadas pelo vírus no ano passado).

Conforme o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV e Aids (Unaid), a epidemia já matou 39 milhões de pessoas em todo o planeta. Um estudo divulgado em julho deste ano aponta que as infecções no Brasil aumentaram 11% entre 2005 e 2013, com o País registrando, no ano passado, 47% de todos os novos casos da América Latina.

De doença dos 5H à epidemia sem distinções

Quando surgiu espalhando o medo por todo o mundo, a Aids era uma doença fortemente associada a homossexuais. O mal causado pelo vírus HIV ainda não havia sido batizado como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Em 1982, recebeu o nome temporário de Doença dos 5H. O nome representava os cinco grupos populacionais que eram mais afetados - homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de heroína injetável) e hookers (nome em inglês dado às profissionais do sexo).

O tempo, porém, fez com que o estigma deixasse de obter correspondência nos fatos. Dados do Ministério da Saúde indicam que, desde o início dos registros de infecção pelo vírus no País até junho de 2013, 77.583 casos notificados, e que tiveram relações sexuais como a causa do contágio, envolviam homens homossexuais. As infecções de homens heterossexuais, no mesmo tipo de exposição ao HIV, somaram 120.729. Ou seja, no Brasil, o número de heterossexuais contaminados em razão de contato sexual foi 55,6% superior ao de homossexuais.

A mudança no cenário de contágio masculino ocorreu com força a partir de 2001, quando as infecções em razão de contato sexual de heterossexuais passaram a superar, e muito, a de homossexuais. Naquele ano, foram notificados 2.765 casos de infecções em pessoas do sexo masculino homossexuais, enquanto o número de notificações de homens heterossexuais foi de 6.012. Os últimos dados consolidados do governo federal mostram que, em 2012, foram 7.082 notificações de homens héteros e 4.307 de homossexuais.

Apesar de ter deixado de ser uma doença que atinge a um segmento específico da população, a contaminação por HIV ainda tem prevalência em alguns grupos populacionais. Conforme o Unaid, usuários de drogas têm 22 vezes mais chances de contrair o vírus. No caso de profissionais do sexo e de homens que fazem sexo com outros homens, a probabilidade é 13 vezes maior.

Estado e Capital são líderes de infecções no Brasil

Os números brasileiros são altos e, dentro do contexto nacional, o Rio Grande do Sul se destaca negativamente. Como realiza todos os anos em 1 de dezembro - Dia Mundial de Luta contra a Aids -, o Ministério da Saúde divulga hoje novos números sobre a doença no País, os quais não são nada alentadores para o Estado.

Porto Alegre, que em 2012 era a capital com o maior número de infecções, com 93,7 casos para cada 100 mil habitantes, e a segunda entre os municípios, agora lidera nos dois segmentos. Os dados mostrarão que houve aumento na taxa em 2013, subindo para 95,07 casos por 100 mil pessoas.

Aliás, estão no Rio Grande do Sul seis das 10 cidades do Brasil com maior taxa de infecção (Porto Alegre, Alvorada, Guaíba, Rio Grande, São Leopoldo e Viamão). De acordo com o Boletim Epidemiológico 2013, o número de novos casos notificados em 2012 no Estado foi de 4.458, o que representa uma taxa de 41,4 casos a cada 100 mil habitantes, índice superior ao dobro do nacional (20,2).

O Rio Grande do Sul apresenta os maiores índices em praticamente todos os

segmentos de análise. No que diz respeito às contaminações de crianças menores de cinco anos de idade, a taxa média nacional, em 2012, era de 3,4 por 100 mil habitantes. O índice gaúcho, por sua vez, era de 9,1. Outro dado preocupante é o que aponta a taxa de mortalidade. No Brasil foi de 5,5 óbitos por 100 mil pessoas. No Estado, a taxa foi de 11,1.

Diante deste cenário, cabe a pergunta: por qual razão os gaúchos contraem mais o vírus HIV? Sabidamente, não existem respostas simples para problemas complexos. A situação em que a epidemia se encontra no Estado passa por diversos fatores, desde a queda no uso de preservativos, pelo envelhecimento saudável da população e pela cultura machista. O fato é que os gestores públicos parecem não conseguir dar respostas eficazes ao problema.

Para abordar melhor o tema, o Jornal do Comércio irá publicar, nesta semana, uma série de reportagens. Entre os assuntos, estão os motivos da alta incidência entre os gaúchos, os desafios da prevenção, o dia a dia das pessoas que vivem com o vírus e os avanços e perspectivas da ciência.

Tema precisa voltar à mídia

Atualmente, a estimativa do Ministério da Saúde é de que, aproximadamente, 718 mil pessoas vivam com o vírus HIV no Brasil. Destes, em torno de 20% ainda não sabem que foram infectados. Considerando os dados acumulados de 1980 a dezembro de 2012, no País - ano com as últimas estatísticas consolidadas -, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde, um total de 672.697 casos.

Apesar disso, a doença deixou de ser um assunto cotidiano. Não se fala mais sobre Aids, a não ser nas páginas dedicadas à ciência nos jornais e revistas. A Aids no dia a dia, a vida com o vírus, as dificuldades enfrentadas pelos infectados. Isso não tem mais espaço na mídia. Com a eficácia dos tratamentos, a seriedade da epidemia foi diminuída. “Não vemos mais ídolos falando de Aids. Hoje, não sei dizer uma pessoa que esteja na mídia que fale ‘estou vivendo com o vírus’. Como o tratamento é eficaz e cada vez mais acessível, as pessoas tem mais facilidade em esconder, de não contar para as outras que estão infectadas. Assim, acontece que a sociedade não fala mais

sobre a doença”, afirma a coordenadora do UnaidS no Brasil, Georgiana Braga-Orillar. A Aids foi esquecida no Brasil. Entretanto, o HIV está nas ruas. Sem espaço nos noticiários, agora vive nas sombras, à espreita, pronto para fazer mais uma vítima.

Conforme Georgiana, o País funciona como um termômetro do comportamento da epidemia no mundo. “Além de sermos uma nação grande, temos uma população muito heterogênea”, observa. Segundo ela, o Brasil deu uma resposta cedo à epidemia. Assim, viu um declínio das infecções quando o tratamento começou a ser disseminado.

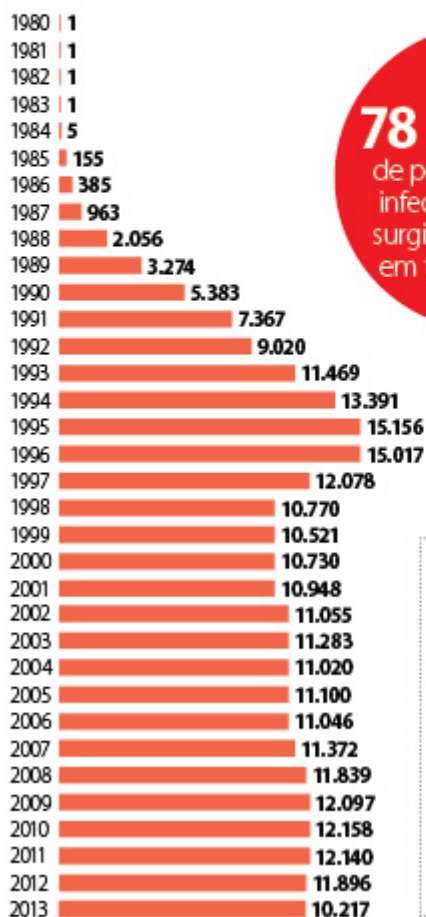
Entretanto, a tendência atual é de aumento do número de infecções. Em razão disso, surge a dúvida: por que os índices crescem no Brasil enquanto caem em diversas outras partes do mundo? “Isso ocorre porque há um declínio em muitos países da África, com a oferta do tratamento e a redução da transmissão de mãe para filho. No Brasil, isso já aconteceu há alguns anos. Temos medo de que possa haver uma tendência global desse aumento, pois há outros países que deram essa resposta cedo também”, diz. A representante do programa da ONU destaca que a tendência de aumento das taxas de infecção se dá em razão, principalmente, do acréscimo de contaminação de jovens homossexuais. “Estamos vendo, de novo, o perfil do início da epidemia.”

Números da Epidemia

Das 10 cidades brasileiras com mais de 50 mil habitantes com maior taxa de infecção, o Rio Grande do Sul tem seis (Porto Alegre, Alvorada, Guaíba, Rio Grande, São Leopoldo e Viamão). As outras quatro são de Santa Catarina (Itajaí, Balneário Camború, Camború e Rio do Sul)



Mortes por Aids no Brasil



78 milhões de pessoas já foram infectadas desde o surgimento do vírus em todo o mundo

O HIV é a quinta principal causa de morte entre adultos e a principal causa de morte de mulheres entre 15 e 49 anos

1,5 milhão de mortes em 2013, uma queda de **11,8%** em relação a 2012 (1,7 milhão de mortes)



35,3 milhões de pessoas vivem com o HIV no mundo

Desde 2001, o número de novas infecções caiu

38%



14 milhões de pessoas têm acesso ao tratamento antirretroviral

2,1 milhões de novas infecções em 2013

O Unaid's acredita que a epidemia pode acabar **até 2030**, o que evitaria 18 milhões de novas infecções e 11,2 milhões de mortes

Juliano Tatsch e Paula Sória Quedi

Acesse no site de origem: [Aids, o silêncio que mata \(Jornal do Comércio, 01/12/2014\)](#)

Casos de Aids entre jovens aumentam mais de 50% em 6 anos no Brasil

(Fantástico, 30/11/2014) Segunda-feira (1º) é o Dia Mundial de Luta Contra a Aids, uma doença que infelizmente ainda precisa ser lembrada. O doutor Dráuzio Varella explica porque a Aids voltou a assustar e preocupar: “Houve um aumento absurdo dos casos de Aids entre os jovens nos últimos anos. Neste sentido, o Brasil vai na contramão do que acontece em outras partes do mundo”, afirma.

Clique aqui para ver o vídeo da matéria: [Casos de Aids entre jovens aumentam mais de 50% em 6 anos no Brasil \(Fantástico, 30/11/2014\)](#)

Leia mais: [AIDS: como estão as campanhas e políticas públicas para prevenir a doença? \(Câmara Notícias, 29/11/2014\)](#)

O aumento é de mais de 50% em seis anos. “O principal motivo é o comportamento sexual dos jovens. Acham que hoje ninguém mais morre de Aids, que se pegar o vírus é só tomar remédio e está tudo bem. Está tudo bem, não. É uma doença grave. Vai ter que tomar remédio a vida inteira. A Aids é uma doença grave, que causa sofrimento e não tem cura”, alerta.

“Quando eu saio à noite eu quero me divertir, me alegrar, distrair a mente um pouco”, conta um jovem.

Sábado à noite, Ivan, Guilherme e Edson saem para a balada. A cena é comum em qualquer cidade do Brasil e do mundo. Ruas, bares e boates lotadas de jovens. “Noitada perfeita é isso: bebida, amigos e mulher”, diz um jovem.

“Curtir, beijar na boca”, conta outro jovem.

“Conhecer alguém e ficar”, afirma outro jovem.

“É, hoje eu espero que tenha muita azaração, beijo na boca. Isso”, diz Ivan.

Ivan, Guilherme, Edson. Olhando para eles, você conseguiria dizer quem é portador do HIV?

“Eu sou soropositivo e descobri que tenho HIV com 23 anos. Eu tinha um relacionamento. A gente morava junto e tal. Ele sentou no sofá comigo e falou: ‘Olha, eu fiz o exame e o exame deu positivo’. Eu perguntei qual era o exame. Ele falou para mim e falou: ‘Fiz o exame de HIV’”, lembra.

Mesmo estando em um relacionamento estável, Ivan contraiu o vírus da Aids. Foi contaminado pela pessoa em quem mais confiava. “Hoje eu tenho certeza que a Aids não tem cara. Certeza absoluta”, conta.

Ivan faz parte de uma estatística preocupante. “A taxa de detecção de Aids entre jovens de 15 a 24 anos vem crescendo em uma velocidade bem maior que da população em geral”, diz Jarbas Barbosa, secretário de Vigilância e Saúde do Ministério da Saúde.

Desde 2006, os casos de Aids nos jovens entre 15 e 24 anos aumentaram mais de 50%, o que quer dizer mais jovens soropositivos. No resto do mundo, o número de novos casos de HIV entre os jovens caiu 32% em uma década. Por que estamos indo na contramão?

“A gente não deixa de transar porque não tem camisinha”, conta um jovem.

“A rapaziada de hoje em dia, não pensa muito nisso”, diz outro jovem.

Hoje é possível saber em menos de 20 minutos se você está ou não infectado com o HIV. Um teste rápido, que pode ser feito de graça na rede pública de saúde, disponível para qualquer um. Não precisa marcar hora: é chegar e fazer.

Rafaela transou sem camisinha, há um mês, e agora veio se testar. “Estava solteira, acabei conhecendo pela internet, a gente se envolveu. Fui na casa dele, chegou lá, não tinha, desprevenido. Acabou acontecendo. No dia seguinte fiquei naquela neurose, estou aqui hoje para fazer o teste”, diz Rafaela Pessoa de Araújo, de 19 anos.

Rafaela tem motivo para se preocupar. Ela já viu de perto como é viver com o

HIV. “Minha mãe faleceu. Ela era portadora do vírus. Ela tinha muito cuidado para não contaminar os filhos. Cuidado redobrado”, conta.

Mesmo vendo o sofrimento da mãe, ela se descuidou. A médica traz o resultado: “Você não tem o vírus do HIV. Como você está se sentindo?”, pergunta.

“Aliviada. Acho que vai me conscientizar mais a me cuidar, a ter a postura de levar a camisinha”, responde.

Ela teve sorte dessa vez. Uma segunda chance que nem todo mundo tem. Na última década, 34 mil jovens contraíram o vírus da Aids. Basta um deslize, uma única vez sem preservativo para se contaminar.

Mas se transar sem camisinha, como Rafaela, você sabe o que fazer? Não adianta você esquecer de usar camisinha e sair correndo para fazer o teste. O exame leva 3 a 4 semanas para ficar positivo. Em vez disso, procure a rede pública para receber o tratamento preventivo, os remédios que vão evitar que o HIV penetre o organismo. Não é para fazer isso todo fim de semana. É uma medida de emergência, que deve ser tomada no máximo 72 horas depois do contato sexual. Passou de 72 horas é tarde demais. O tratamento dura um mês, e os remédios devem ser tomados todos os dias, rigorosamente. Falhou, perdeu o efeito.

Esses remédios de emergência, chamados de profilaxia pós-exposição, ou PEP, estão disponíveis da rede pública, mas pouca gente sabe. No ano passado, foram usados pouco mais de 20 mil kits de PEP em todo o país.

“Existe hoje uma falsa sensação de que a Aids está controlada. Que a Aids não existe mais. Porque não estamos mais vendo na mídia grandes ícones falecendo com essa doença”, diz Fernando Ferry, clínico geral especializado em Aids do Hospital Gaffrée Guinle, no Rio de Janeiro.

No início dos anos 90, Cazusa expôs ao público a luta pessoal contra a doença. Depois dele, em 1996, foi Renato Russo quem morreu de complicações da Aids.

Drauzio Varella: O Renato Russo foi talvez a última pessoa muito conhecida

que morreu de Aids, não é, Dado?

Dado Villa-Lobos: Acho que sim. Contrariamente ao Cazuzza, ele preferiu o sigilo, o segredo.

Dado Villa-Lobos tocava com Renato Russo no grupo Legião Urbana. Ney Matogrosso foi amigo e namorado de Cazuzza. Eles lembram bem como era naquela época, quando a Aids matava em poucos meses.

“Houve uma semana que eu fui três vezes ao cemitério porque as pessoas morriam assim uma por dia”, conta Ney Matogrosso.

“Quem se criou e cresceu depois não acredita nessa doença. Então as pessoas não estão nem aí para essa doença. É como se a doença não existisse no mundo”, diz Ney Matogrosso.

Mas morrem 11 mil por ano no país. É muita gente.

“O remédio que existe é um remédio maravilhoso porque as pessoas não morrem e não se acabam do jeito que se acabavam, mas não é a cura. Não tem a cura ainda”, lamenta Ney Matogrosso.

Cazuzza e Renato Russo morreram antes que o coquetel de remédios, os chamados antirretrovirais, que ajudam a controlar o HIV, se tornassem realidade, a partir de 1996. Os remédios fazem com que o vírus pare de se multiplicar e entre em um estado de ‘dormência’. A pessoa não desenvolve mais a Aids.

O número de mortes diminuiu drasticamente, e permitiu aos portadores do HIV viverem uma vida quase normal.

Ivan toma os medicamentos do coquetel diariamente. “Eu tomo seis comprimidos, de 12 em 12 horas. Tomo há três anos, todos os dias”, conta.

Além da obrigação de ter que tomar esse monte de remédios todos os dias para o resto da vida, os pacientes também sofrem efeitos colaterais. “Meu primeiro efeito colateral foi tontura, a náusea e, no caso, eu na hora de dormir tinha muito pesadelo. Eu tenho essa percepção de que eu preciso da medicação para viver. Mas eu posso parar de tomar a medicação agora e

daqui a um mês, dois meses, uma semana, eu cair doente dentro de um hospital”, diz.

Um em cada cinco jovens não aguenta essa rotina e abandona o tratamento.

Marvin Jerônimo Teixeira: Eu descobri que estava doente ano passado.

Drauzio Varella: Você tratou e parou no meio do tratamento?

Marvin: Isso. Tinha dia que eu tomava, tinha dia que eu não tomava. Eu achava que um dia não vai me matar. Ficar um dia sem tomar meu remédio.

A Aids se desenvolveu. Resultado? “Eu estou perdendo a visão”, conta Marvin.

“A visão dele tem sido afetada por um vírus chamado citomegalovírus. Esse citomegalovírus destrói a retina. Vai ficar cego do olho direito e nós estamos tentando salvar o olho esquerdo”, explica o médico.

Marvin era pintor de paredes. Sem a visão, não tem mais como trabalhar. “Eu achava que eu não ia pegar isso, que não ia chegar a encontrar isso”, conta.

Como ele, um terço dos jovens diz não usar preservativo quase nunca ou nunca, de acordo com uma pesquisa da Unifesp.

“Eu achava que era de homossexuais”, afirma Marvin.

“O que tem nos preocupado muito é que uma grande quantidade de meninos de 20, 21, 22 anos, estão comparecendo ao nosso hospital já com Aids avançada e com doenças graves”, diz o doutor Fernando Ferry.

“Entre os jovens de 15 a 24 ela vem crescendo, principalmente entre os jovens do sexo masculino. É um crescimento importante. Em uma década cresceu praticamente 68%”, diz Jarbas Barbosa, secretário de Vigilância e Saúde do Ministério da Saúde.

Na população geral, quatro em cada mil pessoas são portadoras do HIV. Mas entre os jovens gays, esse número é 20 vezes maior: 100 em cada 1.000. Hoje, 150 mil pessoas no Brasil não sabem que têm a doença.

Ainda não existe cura para quem tem HIV, mas a esperança pode estar em quem não tem o vírus. Um único comprimido, que, tomado rigorosamente todos os dias, previne a contaminação em até 92%. A profilaxia pré-exposição, ou PREP, já é uma realidade nos Estados Unidos. Uma revolução na prevenção da Aids.

“É a primeira vez em 30 anos que descobrimos uma alternativa para prevenir o HIV além da camisinha. Isso muda tudo. É maravilhoso”, diz Howard Grossman, médico e pesquisador especializado em HIV.

Esse remédio já fazia parte do coquetel para o tratamento dos portadores do vírus, mas os cientistas descobriram que ele também funcionava em quem não tinha o vírus, mas de forma diferente: criando uma barreira de proteção e impedindo o HIV de se instalar nas células da pessoa.

Damon é um dos que resolveram aderir ao PREP. “Alguns médicos acham que, por tomar esse remédio, as pessoas vão parar de usar camisinha. Mas não é isso. O remédio é para reduzir o risco de contaminação”, diz o paciente Damon Jacobs.

No Brasil, uma pesquisa da Universidade de São Paulo e da Fiocruz, no Rio de Janeiro, ainda está na fase inicial de testes para esse remédio. Só deve estar disponível para os brasileiros daqui a dois anos.

O remédio só consegue evitar a transmissão do HIV, e mesmo assim não é 100% seguro. Por isso, é fundamental continuar usando camisinha. Até porque existem outras doenças tão graves quanto a Aids que também são sexualmente transmissíveis. É o caso da Hepatite B, por exemplo, que pode ser fatal. Tem que usar a camisinha, sempre. A ciência faz a parte dela. Mas para controlar a epidemia, você também tem que fazer a sua parte.

“Desde dezembro, quem testa positivo para o HIV já começa o tratamento imediatamente. E isso a gente espera que em 4, 5 anos já produza uma redução muito importante na transmissão do HIV no Brasil”, diz Jarbas Barbosa.

“As campanhas só ‘Use Camisinha’ não terão a repercussão necessária. É preciso mudar. Sem educação não há mudança de cultura”, diz Regina

Bueno, coordenadora do grupo de jovens Vivendo e Convivendo com HIV e Aids.

Depois de um mês internado, Marvin volta para casa. Sem a visão, os pincéis e a tinta agora são apenas uma lembrança da profissão que teve desde menino.

“Sem a visão vai ser difícil. Não sei o que eu vou fazer. Eu só acho que eu estou muito novo para morrer agora. Uma coisa eu sei: eu não desejo o que eu estou passando para ninguém, não. Peço que as pessoas se cuidem melhor, pensem direitinho. Se eu soubesse que ia ficar assim, eu tinha me prevenido. Tinha me cuidado, usado preservativos. Cuidado melhor de mim”, lamenta Marvin.

Acesse no site de origem: [Casos de Aids entre jovens aumentam mais de 50% em 6 anos no Brasil \(Fantástico, 30/11/2014\)](#)